

O ENSINO DE GEOGRAFIA NA RELAÇÃO ENTRE CINEMA E QUESTÃO AMBIENTAL

THE GEOGRAPHICAL EDUCATION IN THE RELATIONSHIP BETWEEN CINEMA AND ENVIRONMENTAL ISSUE

LA ENSEÑANZA DE GEOGRAFÍA EN LA RELACIÓN ENTRE CINEMA Y CUESTIÓN AMBIENTAL

Thiago Albano de Sousa Pimenta

Doutorando em Geografia

Universidade Federal da Grande Dourados

Professor-Coordenador da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul

thiagogeo@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho trata de um exercício de releitura do nosso trabalho de dissertação de mestrado intitulado “Imagem e Linguagem Geográfica: A Questão Ambiental no Cinema Atual” buscando agenciar dele aspectos que nos permitem pensar o ensino de Geografia. Pensar a questão ambiental no âmbito do ensino de Geografia é refletir sobre como podemos criar estratégias para que de fato haja espaço de pensamento e criatividade em sala de aula, o que potencializa geografias e ecologias da cotidianidade.

Palavras-chaves: Geografia; Ensino; Questão Ambiental; Cinema; Pensamento.

Summary: This work is about an exercise of re - reading our dissertation work "Image and Geographical Language: The Environmental Question in the Current Cinema" seeking to create aspects that allow us to think about the teaching of Geography. Thinking about the environmental issue in Geography teaching is to reflect on how we can create strategies so that there is indeed space for thinking and creativity in the classroom, which enhances geographies and ecologies of daily life.

Keywords: Geography; Teaching; Environmental Issues; Cinema; Thought.

Resumen: Este trabajo se trata de un ejercicio de relectura de nuestro trabajo de disertación "Imagen y Lenguaje Geográfico: La cuestión ambiental en el cine actual" buscando agenciar de él aspectos que nos permiten pensar la enseñanza de Geografía. Pensar la cuestión ambiental en el ámbito de la enseñanza de Geografía es reflexionar sobre cómo podemos crear estrategias para que de hecho haya espacio de pensamiento y creatividad en el aula, lo que potencializa geografías y ecologías de la cotidianidad.

Palabras claves: Geografía; Enseñanza; Cuestión Ambiental; Cine; Pensamiento.



INTRODUÇÃO

Aqui estamos apresentando um trabalho que versa sobre alguns caminhos que traçamos na dissertação de mestrado e como eles podem nos fazer pensar sobre a prática de ensino de Geografia. No diálogo com diferentes campos de pensamento, queremos produzir e contribuir para ampliarmos o debate sobre o ensino de Geografia.

A ideia que propomos com este trabalho é relacionar a questão ambiental que permeia como temática algumas obras cinematográficas com as possibilidades de criação de aulas de Geografia que potencializem o pensamento. Assim, buscaremos fazer uma releitura dos tópicos importantes que levantamos em nossa pesquisa de mestrado para pensarmos as suas potencialidades para o ensino de Geografia.

O nosso trabalho também se propõe a pensar novas possibilidades para o ensino de Geografia, multiplicar estratégias e agenciar diversos campos, terrenos e elementos que podem nos auxiliar nesta empreitada. Neste sentido, o agenciamento da questão ambiental e do cinema é uma tentativa, uma experiência, que visa ampliar as possibilidades de aula, busca potencializar o ensino roubando “armas” de outras linguagens.

Dialogar com outras linguagens permite enriquecer nossas abordagens, pois cada uma delas diz as coisas de um modo ímpar e singular. Assim temos, dentro deste diálogo, a possibilidade de compreender os fenômenos da questão ambiental através da linguagem geográfica e da linguagem cinematográfica, buscando fazer o exercício de como estas análises nos permitem pensar o ensino de Geografia.

A QUESTÃO AMBIENTAL NA GEOGRAFIA

A temática ambiental perpassa muitas das discussões encabeçadas pela Geografia. Do estudo sobre as bacias hidrográficas até a Geografia Urbana, a questão ambiental, de uma forma ou de outra, aparece para contextualizar alguns fenômenos. Aqui, assim como na dissertação que produzimos, não temos a pretensão de adentrar a discussão a respeito das diferenças e semelhanças dos conceitos como Natureza, Ambiente, Meio Ambiente, Ecologia, entre outros. A nossa intenção, quando dizemos sobre questão ambiental, é buscar dialogar com um conjunto de temas que ilustram os atuais problemas que afetam a natureza, o meio ambiente, etc. Por vezes, certamente cometeremos “erros” em colocar estes conceitos como sinônimos.

Um dos pensadores que dialogamos quando tratamos sobre questão ambiental é o francês Félix Guattari. Ele articula um pensamento combativo sobre aquilo que denominamos como questão ambiental em seu livro “As Três Ecologias”, apontando que a subjetividade tem um papel importante nas questões que envolvem esta problemática. Sobre a subjetividade o mesmo autor fala que a sua análise ganha importância na sociedade atual que tem como um dos fundamentos a “produção de signos” no que ele denomina como “Capitalismo Mundial Integrado”.

O capitalismo pós-industrial que, de minha parte, prefiro qualificar como Capitalismo Mundial Integrado (CMI) tende, cada vez mais, a descentrar

seus focos de poder das estruturas de produção de bens e de serviços para as estruturas produtoras de signos, de sintaxe e de subjetividade, por intermédio, especialmente, do controle que exerce sobre a mídia, a publicidade, as sondagens etc. (GUATTARI, 1990, pp. 30-31)

Neste sentido, a compreensão da subjetividade e dos elementos que norteiam a sua replicação é importante para compreendermos as problemáticas relacionadas à questão ambiental.

Para Guattari (1990) além da subjetividade humana, temos que compreender o meio ambiente e as relações humanas para analisarmos a questão ambiental. Sobre o meio ambiente, a compreensão dos fenômenos da natureza, da sua dinâmica e relações com os seres é incorporada, por exemplo, pelas ciências ditas naturais (como a biologia, a própria ecologia e outras vertentes). Sobre as relações sociais a análise deve incorporar como estas se codificam, se estruturam e realizam dentro da sociedade capitalista atual.

Podemos afirmar, apoiados em Guattari (1990), que para pensarmos uma nova relação com nosso meio ambiente, com os nossos pares e os outros seres que coexistem, teríamos que potencializar subjetividades mais criativas e vivas. Subjetividades que possibilitam pensar o novo, criar mundos, sermos criativos no sentido de buscarmos soluções mais eficazes para os nossos problemas. Assim, a subjetividade tem que entrar em movimento por forças que não sejam as que querem manter a sociedade como está.

Enquanto que a lógica dos conjuntos discursivos se propõe limitar muito bem seus objetos, a lógica das intensidades, ou a eco-lógica, leva em conta apenas o movimento, a intensidade dos processos evolutivos. O processo, que aqui oponho ao sistema ou à estrutura, visa a existência em vias de, ao mesmo tempo, se constituir, se definir e se desterritorializar. Esses processos de "se pôr a ser" dizem respeito apenas a certos subconjuntos expressivos que romperam com seus encaixes totalizantes e se puseram a trabalhar por conta própria e a subjugar seus conjuntos referenciais para se manifestar a título de indícios existenciais, de linha de fuga processual... (GUATTARI, 1990, p.28)

Outra autora que dialogamos muito em nossa dissertação foi Ana Godoy. Em seu livro "A Ecologia Menor" ela se utiliza do conceito do menor de Gilles Deleuze para pensar uma ecologia que aconteça nas práticas cotidianas, uma ecologia que fuja do discurso hegemônico da Ecologia (com e maiúsculo) organizada e ditada pelos órgãos oficiais, ONGs e ambientalistas.

Ana Godoy (2008) tece uma crítica sobre os pensamentos ambientalistas, que muitas vezes agem como discursos embutidos de um moralismo "ecologicamente correto". Assim, o não desperdice água, não desmate, não polua, mesmo carregado de boas intenções, segue uma ideia de que a natureza deve ser intocada, preservada, ao molde de que ela se mantenha como um paraíso na Terra. Assim, Ana Godoy afirma que, diferentemente da Ecologia institucionalizada (Ecologia Maior), a ecologia menor é expressão da vida, da cotidianidade e de como a própria vida e seu devir, se livre, pode propor as suas próprias soluções para além das novas "palavras de ordem" que são emanadas pelo discurso ecologicamente correto.

A vida não se mede pela ecologia, pelas noções que ela cria, pelas ações que ela determina ou pelos comportamentos que ela prescreve. A vida inventa ecologias segundo ela própria, sem nada tomar senão o que precisa para tanto. Ela acrescenta algo onde só havia espécies para dali extrair um animal, uma planta, uma cor, um som. A menor das ecologias não está a serviço da ação universal que convoca à participação, meio de conversão do mundo. Ela põe a vida nas reticências, afirmando-a como insubordinável. Recusar a vida que só pode ser produzida é afirmar a vida que distribui diferenças, e nisso e por isso inventa ecologias, vida não apaziguada na felicidade mesquinha das ações cumpridas. (GODOY, 2008, p.128)

Assim, quando dialogamos e concordamos com Ana Godoy, estamos pensando que a vida, quanto mais livre possibilitarmos de ela seja, pode, no devir, criar suas próprias ecologias, seus próprios arranjos e soluções.

(...) a vida produz espaços de resistência, mesmo estando sob uma estrutura “opressiva”, soprando palavras de ordem aos quatro ventos, ela evoca linhas de fuga, num devir permanente. Dentro do espaço estriado, organizado sob algumas normas, há linhas de fuga que o desorganiza evocando espaços lisos¹. A arte, por exemplo, tem a potencialidade de nos colocar em deriva podendo evocar outras possibilidades, outras ecologias, enfim, ela é campo de potência de criação e “afloramento” de desejos. (PIMENTA, 2014, pp.76-77)

E como gerar linhas de fuga? Como possibilitar a criatividade sob uma subjetividade mais viva e potente? Aqui, dialogando com a nossa dissertação, buscamos através do diálogo com a arte possibilitar novos olhares sobre a questão ambiental, sobre a nossa maneira de ver o mundo, permitindo que o novo aconteça. Assim, podemos fazer do espaço aula um acontecimento que force pensamentos e criação.

Como estamos tratando sobre ensino de Geografia e como a questão ambiental pode se aproximar das suas temáticas, é imprescindível tratar sobre o “onde dos fenômenos” como bem diz Douglas Santos (2014). E para compreender o “onde dos fenômenos” é também importante analisar a correlação de elementos e fatores que possibilitam que determinado fenômeno aconteça em determinada localização, emprestando a ideia de “raciocínio geográfico” que Yves Lacoste já colocou outrora.

A questão ambiental, que perpassa diversos temas da Geografia, também deve ser pensada na sua minoridade, inserida na minoridade do pensar geográfico. Isso nos coloca um desafio de pensá-la, diferente de como os discursos hegemônicos da Geografia o inserem, mas de modo que podemos suscitar na cotidianidade formas de potencializar a ecologia menor, dialogando com as diversas possibilidades de geografias (geografias menores). Eis o grande desafio que propomos para todos que se relacionam com o ensino de Geografia.

¹ Os conceitos de espaço estriado e espaço liso são conceitos retirados da obra de Deleuze e Guattari, *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* vol.5 (1995). Espaço estriado diz respeito ao espaço normatizado, controlado, metrificado e organizado por forças que desejam controlar mais eficientemente os corpos e matérias no território. Espaço liso seria a linha de fuga, o espaço sem direção, múltiplo, desorganizado e anárquico que se reproduz como resistências a imposição normativa que se dá no estriamento do espaço.

A QUESTÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO

É possível que os leitores se lembrem como, desde os primeiros anos escolares, os nossos alunos são expostos à questão ambiental. Um exemplo, que possivelmente vocês terão memória, é quando são trabalhadas aquelas famosas atividades de comemoração do “dia da água”. Cantam músicas, fazem teatrinhos, recitam poemas com o objetivo de começar a conscientização dos alunos desde as menores idades.

As crianças crescem e se continuam alunos em fases mais avançadas, produzem e participam de atividades ditas mais elaboradas (como a elaboração de uma redação, por exemplo, sobre a importância da água). Mas, por incrível que pareça, mesmo sendo expostos desde pequenos à essa abordagem, os chamados problemas hídricos são constantes.

Afinal, o problema de acesso e disponibilidade à água “limpa” não acontece de hoje. É sabido que há diversas regiões do mundo, que por suas características naturais relativas ao clima seco e vegetação árida, produziram uma ocupação humana mais atrelada à proximidade de rios. Isso, em primeiro momento permitiu que diversas sociedades conseguissem se reproduzir, mesmo sob um domínio climático árido. Por exemplo, a ocupação de áreas próximas ao Nilo ou Eufrates, que permitiram o desenvolvimento de civilizações históricas.

Essa ocupação fez com que ao mesmo tempo em que possibilitasse o desenvolvimento dessas civilizações, houvesse a necessidade de pensar sobre o uso do recurso hídrico, no sentido da preservação da sua utilização. Assim, o movimento de utilização de um recurso e a sua necessidade de preservação é inerente, é uma mão de via dupla, onde sempre há o questionamento do uso e da preservação.

Mas essa relação, entre um povo e seus meios de subsistência, é muito prática. Com o passar dos tempos, chegando à atualidade, os problemas ditos ambientais ganharam uma dimensão global. Aquecimento Global, escassez hídrica, efeito estufa, buraco da camada de ozônio, tudo isso fez com que nos deparássemos com uma agenda ambiental de escala macro, com grandes problemas a serem resolvidos (somos divididos em mocinhos e bandidos, em que o “cidadão de bem” é como o Jake Sully, personagem principal do filme *Avatar*,² quando muda de exército, pois se conscientiza que deve lutar pelo lado do bem junto com o *Na'vis*). E chegamos ao ponto de gerarmos culpa e nos responsabilizarmos (ou corresponsabilizarmos, para usar um termo mais “ecologicamente correto”) de problemas macro, globais. Carregamos essa culpa, e por isso, devemos nos encarregar de nos privar de várias coisas para melhorarmos a situação. Mas situação de quem?

Dialogando com o pensamento de Godoy (2008), afirmamos que a ideia hegemônica de “preservar a natureza” acaba englobando uma série de regras/normas que visam manter uma ordem. Há a reprodução da divisão entre homem e natureza, pois a própria ideia hegemônica de natureza exclui o devir/homem numa tentativa de controlá-lo (e, também, controlar a natureza) através da ideia/padrão e da invenção de novas culpas (sentimos culpados de não preservar, de desmatar, de gastar, de comer, etc.). (PIMENTA, 2014, p.77)

² Filme dirigido por James Cameron lançado no ano de 2009.

Então, será que à medida que debatemos e inserimos as temáticas relacionadas às questões ambientais não estamos criando mecanismos de controle com base em nas palavras de ordem? Em nossa dissertação questionamos como o discurso ambientalista institucionalizado cria um novo moralismo, sob a ótica da moral ambiental, ou seja, do que é certo ou errado em se tratando de “sustentabilidade”, “preservação”, “poluição”, cria normas, regras que devem ser seguidas com o objetivo de “preservar”, “conservar” e não poluir.

Mas a própria ideia de preservação e mesmo de conservação já gera um questionamento. Preservar o que? Para que? E para quem? Dentro de uma lógica que somos cada vez mais “convocados para resolvermos os problemas globais”, como diz Godoy (2008). Problemas que são cada vez mais abstratos, do ponto de vista dos impactos práticos no cotidiano dos sujeitos. Fazemos e seguimos regras e normas cada vez mais sem nexos e sentido prático para o nosso “bem-estar” e a defesa da “natureza”.

O discurso ecológico, em linhas gerais, defende a natureza, com unhas e dentes, mas uma natureza idealmente colocada como matéria prima, recurso natural. Ou seja, é um objeto distante e em separado do sujeito humano, o qual pensa sobre, mas não faz parte dessa imanência. Diante dessa concepção, cabe aos sujeitos tomarem consciência dos problemas que infligem no objeto natureza para poderem preservar, conservar, cuidar; são equivalentes de um arranjo discursivo que sempre coloca a natureza como aquilo que é inerte, uma coisa que atende as nossas necessidades e desejos. A natureza não pensa, só os homens pensam. A natureza não cria, só reage ao que o sujeito causa nela. (PIMENTA, 2014, p.79)

Essa concepção ambiental, por ser a mais enraizada institucionalmente, é a que replica as suas ideias na Educação. Precisamos questionar a educação para que não sejamos, enquanto professores, mais uma peça dessa engrenagem no sentido de operar essa replicação na sala de aula. A linha de fuga também deve ser uma estratégia para lidar com essas amarras, com essas demandas da educação institucionalizada.

Silvio Gallo e Glaucia Maria Figueiredo (2015) argumentam que devemos potencializar práticas que permitem que a educação menor aconteça. Fazer, sob a tutela da educação maior, já que estamos numa escola, dentro de suas normas, assim como de suas ementas, dobrar, fazer surgir o novo a partir do pensamento e da criatividade que devem ser forçados durante uma aula.

O cotidiano escolar é a *dobra* da escola, seu *dentro* (educação maior, aparelho de Estado, utopia) e seu *fora* (educação menor, máquina de guerra, heterotopia). O cotidiano faz *gaguejar* a língua escolar, fazendo operar inventividades criativas naquilo que, em princípio e por princípio, não passa de palavra de ordem, palavra *da* ordem. Reencontramos, aqui, o devir minoritário da autonomia: o cotidiano escolar é espaço de construção de autonomia de professores e estudantes. Podemos fiar presos aos estriamentos da educação modelar e serial produzida como aparelho de Estado; mas também podemos opor resistência a este processo, inventando heterotopias no cotidiano escolar, espaços libertários e autônomos nas dobras do espaço estratificado. (GALLO, FIGUEIREDO, 2015, p. 49)

Para que possamos pensar a questão ambiental, temos que criar um espaço singular na sala de aula, fazer da aula um acontecimento singular. Permitir que a educação menor se multiplique em diversas educações, para além dos aparelhos burocráticos, assim criando aberturas para pensarmos geografias menores ou mesmo ecologias menores.

Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância. (GALLO, 2003, p.78)

Pensamos que se ampliarmos esses espaços, se possibilitarmos que a educação menor aconteça, podemos pensar numa subjetividade militante que agencie os problemas que nos afetam para pensar e propor soluções para estes. Aqui abrimos espaço para pensar o cinema e como podemos “roubar” dele potências de vida, agenciar dele elementos que possam fazer da aula algo que tenha sentido para o nosso aluno, potencializando pensamentos e devires.

A QUESTÃO AMBIENTAL E O CINEMA

A arte cinematográfica, neste trabalho, entra como uma linguagem para criar e potencializar o ensino de Geografia. Através do diálogo com outras linguagens podem surgir novas possibilidades de agenciar sentidos para as aulas de Geografia.

Também dizemos que as linguagens artísticas, para o nosso trabalho, visam contribuir para pensarmos aquilo que outras linguagens não conseguem dizer. A ciência, a filosofia e a arte são campos de criação distintos, carregando em suas linguagens aspectos, elementos e fatores que expressam os fenômenos que acontecem no mundo. Diríamos que através do diálogo entre ciência, arte e filosofia, buscamos ampliar a forma como criamos a ciência geográfica, tendo em vista que as diferentes linguagens podem dizer dos fenômenos algo que a Geografia não disse e nem teria dito, possibilitando que a própria ciência possa atualizar novas percepções do fenômeno.

A arte é entendida, entre outras possibilidades, por Deleuze e Guattari (1992) como linguagem em que o mundo acontece; a arte, como a ciência e a filosofia, criam pensamentos, mas o plano artístico cria pensamentos diferente das linguagens científica (funções) e filosófica (conceitos), as quais também estabelecem sentidos do acontecimento do mundo a partir de suas criações: as funções ou proposições pela ciência e os conceitos pela filosofia. As obras artísticas, portanto, concebidas numa esfera cultural, são expressões da criatividade humana, e criadas enquanto bloco de sensações que, por meio de seus afetos e perceptos, instigam a sensibilidade humana a pensar o mundo e assim cria-lo. (PIMENTA, 2014, p. 43)

Aqui colocamos, a partir de Deleuze e Guattari (1992), o domínio de cada esfera de linguagem (ciência, arte e filosofia), apontando as especificidades da Arte. Neste sentido, esperamos, com os exercícios e experiências que propomos, fazer com que o ensino, as

aulas de Geografia ganhem outra dimensão, que articule com os “blocos de sensações”, com as criações artísticas, possibilidades para criarmos outras sensibilidades, outras geografias, outras ecologias.

Ainda sobre a arte, com base na fonte de nosso pensar a respeito desta linguagem, temos a escrita de Deleuze e Guattari como principais referências para a sua conceituação, se assim podemos dizer. Assim eles dizem sobre esse domínio:

A arte é a linguagem das sensações, que faz entrar nas palavras, nas cores, nos sons ou nas pedras. A arte não tem opinião. A arte desfaz a tríplice organização das percepções, afecções e opiniões, que substitui por um monumento composto de perceptos, de afetos e de blocos de sensações que fazem as vezes de linguagem. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 228)

E mesmo que algumas forças, com suas amarrações de poder, tentem atuar no meio da Geografia nos dizendo o que pode e o que não pode, apontando se é ou não é ciência geográfica, continuaremos a intenção de ampliar as fronteiras de análise, romper com certo conservadorismo que cada campo científico carrega.

Acreditamos que atualmente temos mais espaços para este tipo de diálogo com a arte e a filosofia, porém ainda, ora ou outra, somos cobrados a fazer e seguir os “regimentos” da ciência oficial, mesmo que apenas queiramos criar possibilidades de fazer ciência.

As aproximações entre arte e ciência podem ser alternativas, possibilidades, de novos pensamentos, de conexões mais amplas entre saberes que podem criar diálogos e, também, outras formas de expressar/olhar o mundo. A linguagem científica, ao se afastar do diálogo com outros saberes, diminui suas possibilidades de criação de novos pensamentos, de novas funções e proposições capazes de atualizar um estado de coisas que possibilitam novos entendimentos sobre os fenômenos, como no caso o espaço para a geografia. (PIMENTA, 2014, pp. 43-44)

E a experiência que traçamos neste trabalho, assim como o já realizado na dissertação (que ainda não tinha como um foco o ensino de Geografia), é dialogar com a arte cinematográfica, adentrar na sua linguagem, nos seus blocos de sensações e agenciar, roubar, potências para pensarmos as geografias, pensarmos a questão ambiental na sala de aula.

O cinema como linguagem no ensino pode potencializar pensamentos e devires, pode agenciar e fazer movimentar ideias, conceitos, nos forçando a analisar diversos elementos. No contexto atual, com a dimensão cada vez mais midiaticizada que vivemos, como já dito por Guattari (1990), é necessário buscarmos o cinema para tentar subverter as tentativas de controle que são colocadas pelos meios de comunicação, não apenas no uso do filme enquanto criação de arte, mas no uso do filme como atividade de desconstrução e identificação de seus clichês que não nos permitem pensar o novo.

Hoje, estudar a Imagem-movimento e a Imagem-tempo é uma forma de diferenciar os “clichês” excessivamente correntes e os aspectos de “controle” presentes nas imagens. Hoje em dia a “inflação de imagens” no cotidiano tornou-se tão grande e decisiva que adquirir um

aparato crítico que possibilite diferenciar os tipos de relações de imagens (e o que elas dizem) poderia até ser ensinado nas escolas, pois as crianças, muitas vezes, passam tanto tempo na frente dos televisores quanto na frente dos professores. (SALVIA, 2006, p. 64)

Nesta citação o autor nos coloca uma possibilidade pedagógica do cinema, o de “ensinar os tipos de relações de imagens”. Mas não se restringe a isso o agenciamento do cinema no ensino de Geografia, acreditamos que o cinema tem potências de movimentar novas formas de vida, novos olhares, com o seu enredo. Por exemplo, um filme como *Dogville*³ de Lars Von Trier, que nos chama a atenção para a sua cenografia e a ideia espacial que ele articula para a película, ou mesmo poderíamos pensar quais são as potências que as personagens de Quentin Tarantino nos trazem para pensar outras possibilidades de vida, assim como o roteiro dos filmes dos irmãos Joel e Ethan Coen que nos prendem do início ao fim, ou os clichês dos filmes de James Cameron. São vários aspectos de uma obra cinematográfica que podem ser articulados no ensino.

Por exemplo, quando trabalhamos o filme “*Scenes From the Suburbs*”,⁴ do diretor Spike Jonze, em sala de aula, numa aula de Geografia, buscamos apresentar a obra e pedir para que os nossos alunos fizessem suas reflexões a partir dela. Depois exibimos o videoclipe “*The Suburbs*”⁵ da banda Arcade Fire, do mesmo diretor do filme citado acima, que se utiliza das cenas do filme que trabalhamos. E com a exibição do videoclipe, os alunos puderam repensar alguns pontos e lacunas que ficaram abertas no filme, de forma intencional pelo diretor.

A experiência desta atividade de ensino permitiu que os alunos pudessem observar que a construção fílmica, muitas vezes, deve dialogar com o seu interlocutor para criar sentidos ao filme, já que se assistirmos apenas ao filme teríamos uma interpretação, se assistirmos apenas ao videoclipe teríamos outra, e nada garante que se assistirmos os dois poderíamos ter as mesmas impressões do filme.

O bloco de sensações que agenciamos para esta aula vai além de representar uma temática para assim explaná-la. O exercício que propomos, enquanto diálogo entre ensino das temáticas ambientais em Geografia com o cinema, não é a mera representação, pelos filmes, dos conceitos e temas que explicamos. Aqui, utilizamos os filmes como forma de entender melhor uma outra linguagem, de dar acesso às obras artísticas, de fazer com que elas possam emanar novas sensibilidades, potencializar novas formas de vida, enriquecer a multiplicidade, gerar diferenças.

Acionando novamente Guattari (1990) para ampliar as nossas frentes de combate frente aos desafios presentes nas três ecologias, o autor reforça a possibilidade fazer emanar uma subjetividade mais livre e com potencialidade de se renovar e criar sujeitos criativos e que pensem a diferença, que se permitem a diferença, pensar um mundo

³ Filme dirigido por Lars Von Tries, lançado no ano de 2003.

⁴ Filme dirigido por Spike Jonze, lançado no ano de 2011.

⁵ Videoclipe dirigido por Spike Jonze, lançado no ano de 2010.

diferente. O cinema, para nós, nesta aproximação pode nos afetar, nos colocar em deriva e potencializar uma subjetividade mais livre que permita que geografias e ecologias menores aconteçam.

Outro filme que utilizamos nas nossas aulas de Geografia é o “*The House of Small Cubes*”,⁶ do diretor Kunio Kato. Esta animação articula a história de um idoso que vive sozinho numa casa ilhada, que está em eminente perigo pelo incessante aumento do nível da água que circunda a construção invadindo, ora ou outra, os cômodos de sua casa. Sempre que a água alcança o nível de adentrar os cômodos, o personagem constrói um novo andar, subindo a construção a um nível maior do que o da água. Há um momento em que, quando o cachimbo deste senhor cai no andar debaixo já inundado, ele veste uma roupa de mergulho e adentra os velhos cômodos e andares inferiores já inundados, relembando diversas memórias suscitadas por esses ambientes.

Aqui, propusemos alguns exercícios de reflexão. O primeiro foi criar uma possível explicação sobre qual evento climático poderia ter acontecido para que ele vivesse naquela condição, de constante alagamento e inundação. Várias respostas surgiram, dentro de uma explicação lógica de que poderia estar acontecendo ali. O segundo exercício foi o de analisar em quais momentos do filme é possível pensar sobre como os objetos, a disposição das coisas, enfim, o lugar pode suscitar sensações, emoções, potencializar sensibilidades. A maioria das respostas citou que ao longo da imersão do senhor aos andares inferiores, com a observação daqueles ambientes, com a disposição dos objetos que deveriam ter o mesmo sentido, localizados nos mesmos lugares das épocas que vieram a sua memória, fizeram com que ele em parte revivesse e lembrasse aquelas memórias.

Nesta obra, não há problemática ambiental explícita, não há questão geográfica explícita. O que há são interpretações possíveis, de geografias e ecologias que ali carregam. De uma geografia menor que perpassa as memórias, a correlação de elementos que o fazem sentir o “lugar”, se emocionar e lembrar memórias importantes. Geografias que emanam de um acaso, de um detalhe, de um cachimbo, que se não tivesse caído no andar debaixo, não possibilitaria que as outras coisas acontecessem.

De uma ecologia menor que cria, através dos seus problemas práticos, soluções possíveis. Uma ecologia que é criada e recriada a todo o momento, a todo amanhecer em que o senhor percebe que não dá mais para viver e sobreviver naquele andar, que é necessário construir mais um andar para se abrigar. Fugir da inundação, correr do nível da água que a cada dia sobe, assim o personagem nos permite pensar sobre uma ecologia que, ao modo que permite as pessoas agirem, pensarem, serem livres, as possibilitam que produzam soluções mais práticas para os seus problemas. Não há convocações extraordinárias para que sejamos “soldados” numa luta em prol do “meio ambiente”, para que, sendo responsáveis e culpados destes problemas abstratos e muitas vezes fabricados, tenhamos a necessidade de nos regarmos e adotar uma vida pré-estabelecida

⁶ Filme dirigido por Kunio Kato, lançado em 2008.

(não polua, não desmate, não consuma, tudo pré-estabelecido por outros). No filme, a convocação é água batendo na canela, problema ecológico prático, que exige ação para criar outras possibilidades para continuar a existir.

FIM

Para finalizar, enfatizamos que este trabalho é uma proposta, não um manual que deve ser tido como caminho único. Portanto, propomos experimentar, criar, permitir que a diferença aconteça, e assim trazemos alguns exemplos para que aqueles que tiverem contato com este trabalho possam pensar em como criar aulas de Geografia (ou de outras disciplinas) que se tornem acontecimentos. Potencializar que o leitor crie suas próprias didáticas, educação menor, que ele possa agenciar os seus referenciais e assim repensar suas aulas.

Também, nesta pequena síntese de finalização, reforçamos que o trabalho tentou buscar no diálogo entre cinema, ensino de Geografia e questão ambiental, que as geografias e ecologias menores ganhem uma dimensão, se atualizem, ganhem forma, durante as aulas de Geografia.

Neste sentido, buscamos levantar as teorias, conceitos e referenciais que nos norteiam, para assim trazer exemplos de experiências, com os filmes “*Scenes From The Suburbs*” e “*The House of Small Cubes*”, relativas a como o cinema pode se tornar aula sobre temáticas ambientais na disciplina de Geografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**, vol. 5. São Paulo, ed. 34, 1997.

_____. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: ed. 34, 1992.

GALLO, Sílvio; FIGUEIREDO Gláucia Maria. **Entre maioridade e menoridade: as regiões de fronteira no cotidiano escolar**. APRENDER - Cad. de Filosofia e Psicologia da Educação, Vitória da Conquista, Ano IX, n. 14, pp. 25-51, 2015.

_____. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GODOY, Ana. **A menor das ecologias**. São Paulo: Edusp, 2008.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Ed. Papirus, 1990.

PIMENTA, Thiago A. de S. **Imagem e Linguagem Geográfica: A Questão Ambiental no Cinema Atual**. Dourados: UFGD, 2014.

SALVIA, A. L. **Introdução ao estudo dos regimes de imagens nos livros cinema de Gilles Deleuze**. Dissertação, Campinas: UNICAMP, 2006.

SANTOS, Douglas. **A Geograficidade da Escola e o Ensino de Geografia**. Revista Tamoios, São Gonçalo, ano 10, n. 1, pp. 17-29, 2014.

Recebido em junho de 2017.

Aprovado em dezembro de 2017.